

O **HÓSPEDE DE JOB**, romance de José Cardoso Pires. Arcádia, Lisboa, 1963.



Na nota final a **O Hóspede de Job**, adverte Cardoso Pires, com rara consciência de propósitos, que o romance é uma **«história de proveito e exemplo»**, para **«ilustrar uma legenda, uma moral ou um clima humano»** e que as **«circunstâncias geográficas**

ou de acção e as personagens do livro são, pois, elementos típicos, recriados (como nas parábolas ou como nas narrativas populares do bom soldado e do mau ladrão) com o objectivo de um tom sentencioso, exemplar».

Em poucas palavras, mostra Cardoso Pires as traves mestras do seu livro: o carácter fabular do entrecho e as remotas origens populares da linguagem e dos processos. Inclinação fabular, não será difícil descobri-la, involuntária ou explícita, em toda a obra do autor, e mais marcada em **O Anjo Ancorado**; a radicação popular, essa é nova, pelo menos como processo interno, muito embora se pudesse descortinar já nalguns elementos de **Os Caminheiros e Outros Contos** ou de **O Render dos Heróis**, mas não com a sistematização e a unidade de agora.

Toda e qualquer fábula utiliza personagens-símbolos, constrói e destrói mitos. Os personagens desta fábula são, a bem dizer, apenas dois: de um lado, Job (Aníbal, Floripes, Janico, as duas velhas — Casimira e Liberata —, as crianças que brincam com os estilhaços de granada no campo de tiro, os camponeses refugiados na taverna de Cimadas); do outro lado, Cercal Novo, **«clarim pousado à margem da charneca»**, hóspede parasitário e despótico, tentacular e multiforme, que ora veste a pele do **«americano da barbicha»**, ora se metamorfoseia no Leandro da Vila, garantia sem rosto da submissão de Floripes e dos companheiros, ora se desdobra no **«camponês derrotado que há em cada um»** dos seus cavaleiros e até mesmo no rapaz ensonado que conduz pelo pulso o camponês da fotografia, chegado no carro negro.

As relações entre Job e o seu hóspede variam. A velha Liberata, a meio da revoada de crianças, arranca-lhe o sustento da sua miséria artilosa e burlesca; tio Aníbal, extraordinária figura de rapsódo, que cisma com feitos heróicos, do tempo das vivandeiras, ainda acalenta a ilusão de um entendimento, amargamente expiada; Janico olha-o suspeito e sofre-o na carne; a velha Casimira não faz mais do que opor-lhe a sua grandeza trágica; mas os camponeses de Cimadas já sonham envenenar as águas do poço conspiradas pelos cavaleiros de Leandro, uma das metamorfoses do Hóspede, ao passo que Floripes, **«que era na família dos Sotas aquela que tinha feito todos os exames»**, lhe opõe um começo de cons-

ciência juvenil e que mãos desconhecidas traçam nas paredes sinais de libertação.

No livro de Cardoso Pires, Job continua a ser Job e nunca deixa de ser Job. E os conflitos que nascem das suas relações com o Hóspede indesejável são os conflitos de que Job é capaz, prisioneiro dos mitos. Um mito principal e alguns mitos subsidiários. O mito principal de uma instituição e de uma actividade esvaziadas de todo o sentido humano (**«a morte concebida num gráfico calculado»**), que transcende de longe os muros e o polígono do Cercal Novo; e os mitos subsidiários da solidão, da inutilidade e do absurdo, invólucro espesso que os rasgos da acção conseguem de vez em quando romper e contra o qual se debate tudo quanto é vida, na **«calma imensa da planície»**.

Eis, a traços largos, os elementos da fábula agreste que Cardoso Pires imaginou. Vejamos de que meios se serviu para a contar. Em primeiro lugar, o narrador comanda toda a acção e comporta-se como um observador que dispõe dos seus materiais como quem improvisa e ensaia personagens e situações. E, embora tal processo se reconheça ao longo do livro inteiro, talvez valha a pena sublinhar-lhe alguns exemplos mais frisantes: **«... sempre que querem dar de beber aos cavalos acercam-se do poço. Soltam-lhes o freio para os deixar mais à vontade, aflagam-nos. Podem até sorrir-lhes, assobiar-lhes»**; e noutro passo: **«Mas suponhamos que faz mau tempo; que chove, digamos. Muito bem, chove. Se chove, é natural que»**, etc. Mas atemos ainda em mais dois excertos: **«Aníbal é o nome do velho. Aníbal e de Cimadas... É com certeza o mesmo que comentou na taberna as histórias de soldados...»** e **«...aquele pêndulo que marca o andamento em que vão e que, se quisermos, regista até as próprias hesitações do companheiro»**.

Assim, com a aparência da espontaneidade e do imediatismo, como que acabada de nascer da boca ou da pena de quem a conta, a narrativa organiza-se em episódios curtos, conjunto de momentos, ou melhor, de **observações**, produzidas ao sabor dos pormenores significativos, numa demorada e pormenorizada contemplação, que talvez deva alguma coisa à câmara cinematográfica, que talvez faça lembrar o **«nouveau roman»**, que é seguramente o produto de uma escolha eminentemente culta, mas que, em última análise, se filia no jeito de narrar do povo e na linguagem oral das formas literárias tradicionais. Pois não ficaremos à espera de qualquer surpresa de bruxas ou de fadas (surpresa que, aliás, não tardará...), ao lermos que os dois velhos **andaram, andaram, até que vieram desembocar na estrada da Vila?** E a que doloroso romance não parece ter sido roubado este começo de capítulo?: **«À sombra duma faia, triste faia, sentaram-se os dois viajantes»**.

Depois de tudo o que fica dito, e que era necessário dizer para caracterizar um livro tão rico, afigura-se-me indispensável acrescentar que **O Hóspede de Job** nada tem de uma obra cerebral, artificial, experimental. O grande feito de Cardoso Pires acha-se precisamente em se ter servido dos elementos fabulares, processuais e linguísticos de modo a criar **«uma história de proveito e exemplo»**, sim, mas também extraordinariamente real, tão real que a cada passo julgamos vê-la. Aqueles homens-símbolos não são

títeres a personificar ideias, os mitos não arrefecem em considerações teóricas. São os próprios acontecimentos que geram e denunciam os mitos; e os homens vivem, camponeses nítidos de contornos, certos nos sentimentos, nos pensamentos e nas acções (o que nem sempre aconteceu nas idealizações rurais do primitivo neo-realismo), personagens vistos na perspectiva exacta, não bem dos seus defeitos ou das suas virtudes, mas das reacções psíquicas e comportamentais independentes da valorização moral de tais defeitos e de tais virtudes, e exprimindo-se em diálogos pasmosos de naturalidade, de flagrância, e ao mesmo tempo do melhor recorte literário. E o que, em globo, resulta da complexa, e tão simples, carpintaria da obra, é uma coisa tão dramática, tão sombria, tão essencial, que, passando por cima de Caldwell nos aspectos pícaros e cruéis mais superficiais, só tem, a meu ver, paralelo em Raul Brandão. Um Raul Brandão moderno, que tivesse aprendido as razões da desgraça.

Conforta ler um livro como **O Hóspede de Job**. Um livro que sabe à prova vivada de que o realismo nem está esgotado, e guarda, pelo contrário, reservas inesgotáveis para novas aventuras literárias, nem é a crónica tacanha da **«vida dos pobrezinhos»** a que alguns querem reduzi-lo.

JOÃO JOSÉ COCHFEL